

Artigo Original

Inclusão Cultural em Museus e Espaços Expositivos: o acesso à Arte para todos os públicos

Cultural inclusion in museums and exhibition spaces: access to art for all audiences

Amanda Fonseca Tojal³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apontar as importantes contribuições dos museus e instituições culturais como locais de conhecimento, fruição e apreciação artística, potencializando os processos de criação artística e de autoconhecimento, ampliando as conexões sociais e o acesso ao patrimônio cultural, considerando as diversidades físicas, sensoriais, intelectuais e mentais de todos os cidadãos.

Palavras-chave: Museus de Arte, Acessibilidade Comunicacional e Ação Educativa Inclusiva.

Abstract: The main target of this paper is to highlight the important contributions of the museums and cultural institutions as places of knowledge, enjoyment and artistic appreciation, potentializing the processes of artistic creation and self-knowledge,

³ Museóloga e Educadora de Museus. Mestre em Artes e Doutora em Ciências da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pós-graduada em Museologia pela Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo. Implantou e coordenou os Programas Educativos para públicos com deficiência no MAC-Museu de Arte Contemporânea da USP (1991 a 2003) e da Pinacoteca do Estado de São Paulo (2003 a 2012). Consultora de Acessibilidade e Educação Inclusiva em Museus e Instituições Educativas e Culturais. Sócia Diretora da empresa Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural, desde 2003. Contatos: site - www.arteinclusao.com.br ; email – atojal@arteinclusao.com.br

extending the social connections and access to cultural heritage, considering physical, sensory, intellectual and mental diversities of all citizens.

Keywords: Art Museums, Communicational accessibility and Inclusive Educational Action.

Os museus e os espaços culturais são instituições que contribuem de forma relevante para a educação estética, cultural e também patrimonial de todos os públicos. São instituições de caráter social, espaços de autoconhecimento, reflexão, interpretação e apropriação da nossa cultura e do nosso tempo.

Os programas de atendimento e ações educativas, nesses espaços, têm sido cada vez mais valorizados, pois desenvolvem projetos com o intuito de facilitar o acesso de todos os públicos, de forma não somente física (acesso de mobilidade espacial), mas também comunicacional, ampliando o diálogo e a compreensão dos conteúdos apresentados pelas exposições e outros eventos correlacionados.

Ao acompanhar a trajetória histórica da educação formal, os museus e as instituições culturais passaram também a implantar ações de inclusão de públicos com e sem deficiência, certos de que, mesmo tendo direitos iguais, os públicos devem ter as suas diferenças respeitadas e atendidas corretamente.

No Brasil, muitos Museus de Arte tem acompanhado essa linha evolutiva, implantando projetos curatoriais de exposições que respeitem as questões de acessibilidade e, também, desenvolvendo ações educativas de mediação de públicos com deficiência (sensoriais, neurológicas, intelectuais e transtornos mentais), possibilitando um maior e melhor acesso à arte, de forma a atender as potencialidades e individualidades de todas as pessoas e fazendo com que arte

possa ser usufruída e interpretada, por meio das múltiplas leituras e interpretações de cada indivíduo, sempre respeitando a riqueza da diversidade inerente em cada um de nós. (TOJAL, 2007)

No entanto, para que esse acesso seja efetivamente concretizado, é necessário que as instituições museológicas desenvolvam e divulguem programas permanentes de atendimento aos públicos inclusivos, como também realizem parcerias com outras instituições das áreas de educação, turismo e da saúde mental, oferecendo e organizando ações que venham efetivamente atender as características e necessidades de seus alunos, clientes ou pacientes.

Dar acesso à Arte de forma inclusiva tem sido também uma preocupação da maioria dos Museus de Arte paulistas, tidos como referência em ações educativas dessa natureza, destacando programas já consolidados, como os do Museu de Arte Moderna (MAM/SP), Pinacoteca de São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, Itaú Cultural, entre outros.

Nesses programas, o objetivo é o de aproximar a Arte à vida dos indivíduos, compartilhando os programas desenvolvidos com as instituições parceiras, com o intuito de promover ações educativas que levem em consideração as necessidades e potencialidades de pessoas com e sem deficiências.

No entanto, para que o acesso de todos os públicos possa se realizar de maneira mais efetiva, muitos Museus de Arte vêm, já há algumas décadas, formando educadores especializados para o atendimento de públicos com e sem deficiência, como também parcerias e formações de profissionais das áreas de educação, arte, turismo e saúde mental, desenvolvendo programas preocupados com as especificidades e os potenciais inerentes a esses públicos.

No caso de públicos com transtornos emocionais e mentais, clientes frequentadores de sessões de Arteterapia em consultórios, clínicas, Hospitais Dia e Centros de Apoio Psicossocial, as parcerias com as ações educativas dos museus, caracterizadas pela elaboração de projetos conjuntos, incluindo atividades “extramuros” com visitas programadas aos espaços museológicos, contribuem significativamente para a ampliação e enriquecimento da experiência estética, o que, conseqüentemente, trará melhores resultados artísticos e terapêuticos para esses indivíduos.

Mas, de que forma os museus podem contribuir efetivamente para potencializar o conhecimento e a expressão artística e, conseqüentemente, os processos de autoconhecimento e transformação dos indivíduos de forma individual e também, de caráter social?

Os programas dirigidos às ações educativas inclusivas em Museus de Arte são uma resposta. Esses programas têm por pressuposto oferecer condições para que os públicos possam usufruir da Arte como Experiência Estética, aliando o contato com a obra original com visitas orientadas, complementadas por recursos mediáticos multissensoriais, especialmente concebidos para facilitar a apropriação desses conteúdos de forma mais plena e significativa.

E afinal, o que se espera de uma Experiência Estética para os diversos perfis de públicos em museus e espaços de arte?

A Experiência Estética nos conduz, muito além da informação ou do olhar passageiro de uma obra de arte.

Como descreve Osório (2017), “o prazer não vem com o que sabemos sobre as obras, mas justamente com o que escapa a este saber, é o que sobra além da informação e que nos intriga, nos provoca, nos faz pensar” (p.1).

E, dando prosseguimento às palavras de Osório (2017) sobre a relação do não-saber com o prazer:

O não-saber que nos convoca é raro, mas é ele que caracteriza a experiência estética, a potência sem nome que nos faz sentir e pensar, sem necessariamente já-saber e que vai construindo em ato novas formas de saber. É justamente no intervalo entre percepção, reconhecimento e saber que entra em cena a imaginação, a faculdade que nos faz ir além do sabido e a arriscar novas possibilidades de saber. (p.1)

Porém, para que o prazer da Experiência Estética possa efetivamente realizar-se, as ações educativas dos museus de arte e de outros espaços artísticos devem oferecer formas de mediação que propiciem o estabelecimento de um diálogo mais intenso do sujeito com o objeto artístico, permitindo que o visitante se sinta estimulado a fazer descobertas, estabelecer conexões e produzir novos conhecimentos (NOGUEIRA, 2010).

E no caso da inclusão de públicos com deficiência ou transtornos mentais e emocionais, quais seriam os processos mais adequados para promover o prazer da Experiência Estética?

Acompanhando a evolução dos processos inclusivos, tanto da educação formal como na educação não formal, o museu, bem como outras instituições culturais, tem adotado ações de mediação do objeto cultural por meio da Percepção Multissensorial como sendo aquela que realmente aproxima o público da Arte, principalmente as pessoas com deficiências ou transtornos mentais.

Entende-se por Percepção Multissensorial uma postura semiótica aplicada à comunicação museológica que vincula a compreensão e fruição do objeto cultural por meio de todos os canais sensoriais, além do visual, como o tátil, o auditivo, o olfativo, o paladar e o cinestésico.

Esses canais sensoriais podem ser estimulados por meio de recursos mediáticos (maquetes táteis, imagens em relevo, objetos referenciais, jogos

associativos, recursos visuais e sonoros, entre outros), utilizados pelos programas de ação educativa inclusiva como instrumentos de apoio entre o público e o objeto cultural, fator esse fundamental para a compreensão e significação desse objeto, principalmente os públicos com deficiências, limitações intelectuais ou transtornos mentais (TOJAL, 2007).



Figura 1 - Maquete Tátil com Audiodescrição
Obra: *Sem Título*, Di Cavalcanti.
Exposição “Sentir pra Ver: gêneros da pintura na Pinacoteca de São Paulo
Foto: Acervo Arteinclusão Consultoria, 2014



Figura 2 - Bancada Tátil com relevo, maquete tátil e texto em dupla leitura (tinta e braille)
Obra: Composição nº 2, Mauricio Nogueira Lima
Exposição “Sentir pra Ver: gêneros da pintura na Pinacoteca de São Paulo”
Foto: Acervo Arteinclusão Consultoria, 2012

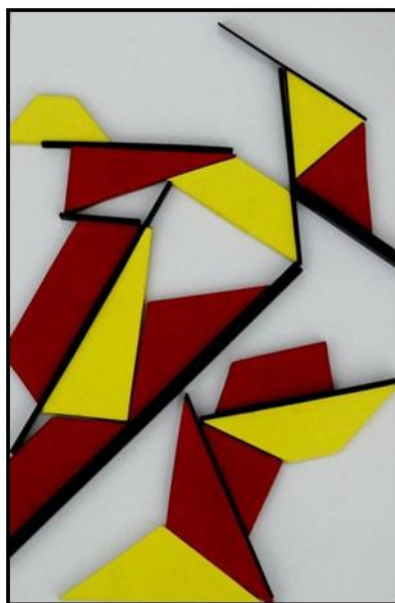


Figura 3 - Jogo de Construção com peças imantadas
Referência: Obra Composição, n.2, Mauricio Nogueira Lima
Foto: Acervo Arteinclusão Consultoria, 2014.

Porém, é importante frisar que os recursos sensoriais são, antes de mais nada, um meio facilitador da compreensão e fruição da arte, e não um fim em si mesmo, pois a Experiência Estética não pode ser substituída pelos recursos mediáticos, tecnológicos ou somente informações sobre as obras.

Portanto, ao apreciarmos uma obra de arte por meio dos nossos sentidos, além do sentido visual, deixamos nos levar também pela imaginação e estamos facilitando o que mais almejamos nesses espaços culturais, que são os momentos de fruição e de prazer.

Trabalhar a sensibilidade do sujeito significa, portanto, cuidar da afetividade, com o seu desejo, com a sua vontade, com os seus diversos canais perceptivos, com a sua vitalidade, com a sua alma (RABÊLLO, 2009). E, finalmente, de que forma os Educadores e Arteterapeutas podem se aproximar dos museus e espaços culturais para enriquecer os seus trabalhos com os seus alunos e clientes?

A produção artística desenvolvida em escolas, clínicas e oficinas de arte pode e deve ter referências externas, aproximando-se da cultura e da fonte primária - o objeto artístico original – forma que auxilia muito o desenvolvimento não somente de técnicas artísticas, como também de modos de ampliação da expressão individual e coletiva, além de promover o acesso dos indivíduos à arte e a cultura tanto tradicional, popular como contemporânea.

Desta forma, os museus e instituições culturais, assim como as ações por eles desenvolvidas, permitem a todos os profissionais das áreas de arte educação e saúde, transcender os seus espaços de atuação, com o objetivo de promover novas conexões, ampliar os horizontes, resignificando o olhar e o fazer dos públicos, alunos e clientes.

Segundo Ciornai e Norgren (2015), “vivemos hoje em dia cada vez mais distanciados do sensível”:

Enquanto profissionais que se instrumentalizam para trabalhar com o sensível, precisamos hoje em dia transcender as paredes de nossos consultórios e nossas salas de aula para ajudar, não só aos nossos clientes e alunos, mas às pessoas em geral a se ressensibilizar uns com os outros, a se reconectar com a sua própria humanidade. (p.7)

Sendo assim, os museus e as instituições culturais são, antes de tudo, espaços que podem e devem contribuir para a reaproximação dos seres humanos, ajudando-os a se reconectarem consigo próprios, com as relações sociais e o ambiente em que vivem.

Como espaços privilegiados da Experiência Estética, os museus e instituições culturais ampliam as possibilidades de todos os indivíduos de vislumbrar outras formas de ver o mundo, recuperar a sua sensibilidade, a sua imaginação, restabelecendo o seu potencial de encantamento, bem como a da sua capacidade de sentir prazer e sonhar.

Data de recebimento: 16.10.2018
Data de aceite 1º parecerista: 08.12.2018
Data de aceite 2º parecerista: 02.03.2019

Referências Bibliográficas

CIORNAI, S. e NORGREN, M.B.P. **Arteterapia, Saúde e o resgate do Humano em todos nós.** Em: Revista de Arteterapia da AATESP - V Fórum Paulista de Arteterapia, v. 6, n. 2, p. 2-10, 2015 - ISSN 2178-9789.

NOGUEIRA, A. C. F. **Lygia Clark: uma experiência de arte na vida de jovens cegos.** Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

OSORIO, L. C. **Arte não é Informação.** Memorial Rezende Barbosa, Assis, São Paulo, p.1, 2017. Disponível em: www.memorialrb.com.br/arte-nao-e-informacao. Acesso em 08/10/2018.

RABÊLLO, R.S. **A formação continuada do professor de arte na perspectiva de uma educação inclusiva.** Em: Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social: questões contemporâneas – Salvador: EDUFBA, p.347-355, 2009 – ISBN: 978-85-232-0651-2., 2009

TOJAL, A. P. F. **Políticas Públicas Culturais de inclusão de públicos Especiais em Museus.** Tese (Doutorado em Ciências da informação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, SP, 2007. Disponível em: www.arteinclusao.com.br/publicacoes. Acesso em 08/10/2018.